

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Marta Vieira Lima
Geisiely Sanchez Campos
Cléia Renata Teixeira de Souza
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Este texto tem por objetivo apresentar o relato de experiência do estágio de Educação Física da Universidade Federal de Mato do Grosso do Sul (UFMS) – Campus do Pantanal, em uma escola Municipal da cidade de Ladário - MS. A intenção deste é discorrer sobre a fala de um escolar adolescente do 4º ano do ensino fundamental I. A metodologia utilizada parte da experiência vivenciada pelas acadêmicas do estágio e ainda se caracteriza por um estudo de caso. Buscamos compreender a questão da indisciplina no contexto escolar a partir da vivência no estágio obrigatório em educação física.

Como diz Paulo Freire o ato de educar está em impregnar o sentido que damos a cada momento da prática pedagógica. Qual o sentido de estarmos em um lugar rodeados de pessoas com diversas realidades e não ouvirmos o que dizem? A escola é um espaço onde ouvimos muitas coisas, e em uma das intervenções realizadas no estágio obrigatório III do curso de Educação física, um aluno nos chamou atenção ao apresentar comportamento diferente dos demais colegas de classe, pois se comportava agressivamente com os meninos da turma.

Compreendemos que a escola não é o único lugar para se combater a indisciplina ou mau comportamento, mas é um espaço que também pode e muito, contribuir no processo de superação destas questões, e os professores como educadores precisam atuar além do ensinar, ou seja, é papel do professor/educador: educar. Portanto, ao nos reconhecemos como educadores devemos no contexto da escola identificar a necessidade de intervir, de contribuir no processo de formação e educação dos sujeitos.

De repente, ele se aproxima de mim e me pergunta se eu era tia de um dos meninos da sala e eu respondi que sim, logo, ele deixou o jogo de bola e se sentou perto de mim. Então, me disse que já tinha batido em alguns meninos da sala, inclusive no meu sobrinho. Eu o questionei: por que fez isso? Ele me respondeu: “- Porque ficam falando palavrões e gritando dentro de sala de aula e eu não gosto”. Disse-me também que jogou a bola na cabeça da professora de Educação física, então perguntei: Por quê? Não gosta da professora? E ele respondeu: “- É que às vezes ela grita comigo, e não gosto que grite comigo”.

Assim, começou a falar sobre a família e que o irmão havia sido morto há algum tempo. Silva e Werle (s/d, p. 04) afirmam que “[...] o educador deve compreender diferentes linguagens, onde a comunicação acontece sem palavras, através do olhar, do choro, do balbucio e do riso [...]”. Portanto, entende-se que é necessário ouvir o aluno, para obter maior compreensão do seu contexto histórico, social e cultural, e validando que, quando ocorre um diálogo entre professor/aluno existe a possibilidade deste aluno construir uma nova concepção de vida na sociedade em que está inserido.

Com a conversa, vi a possibilidade de começar a estabelecer um vínculo, então, perguntei se ele tinha outros irmãos, se ele morava com os pais e afins.

No decorrer da conversa, ele me disse que já tinha sido expulso de várias escolas e que nessa que estava era a única que o tinha aceitado. A escola da sociedade contemporânea acaba por assumir um papel que não é dela, como ensinar valores morais que a família deveria por sua vez assumir. Amado (1999, p. 25) aponta que “[...] quando falamos de indisciplina, não falamos de um mesmo fenômeno, mas de uma diversidade de fenômenos por detrás de uma mesma significação”, ou seja, temos que conhecer o universo desse aluno para melhor compreendê-lo em seu comportamento. A partir desse diálogo, pude perceber que ele não parecia ser um menino mal e que ele era melhor do que dizia ser, aí perguntei pra ele: O que você pretende ser? (Referindo-me a profissão) e ele rapidamente disse: “nada”. Então, perguntei: O que você gosta de fazer? Ele disse: “gosto de jogar bola e de rinha de galo (mas, que era perigoso por que se a polícia pegasse ia preso)”.

Ao retornarmos à sala de aula, notei que ele ficou sentado em sua cadeira, não fez bagunça e aguardou o sinal tocar de maneira comportada. Essa atitude me pareceu um sinal de respeito e consideração por parte dele, como se quisesse agradecer por ouvi-lo, parecia estar retribuindo a atenção que teve e com isso, tornou-se notório o quão importante é dar atenção a cada um, mesmo que seja no contexto da sala de aula, da escola.

Concluimos assim, que através do diálogo e intervenção, identificamos que, o comportamento deste aluno em questão, em sala de aula tinha uma justificativa e que ninguém busca compreendê-lo. E que, o abandono, a exclusão e até mesmo o menosprezo por parte do educador e da escola pode provocar na criança e no adolescente atitude de violência, indisciplina, mau comportamento dentre outros.

Palavras-chave: Educação Física. Estágio supervisionado. Relato de experiência.

Referências

AMADO, João da Silva. Indisciplina na aula: regras, tarefas e relação pedagógica. **Psicologia, Educação e Cultura**, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 53-72, 1999.

SILVA, Daiana Paz de Oliveira; WERLE, Marta Patrícia Beck. **Diálogo e escuta: a pedagogia de Paulo Freire para a educação da Infância**. Disponível em:
https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/silva_werle.pdf.